

# ASSOCIATIVISMO ENQUANTO REFLEXO DE AÇÃO COLETIVA

ASSOCIATIVISM AS A REFLEX OF COLLECTIVE ACTION

## **Vanessa de Campos Junges**

Mestra em Administração pela Universidade Federal de Santa Maria (Santa Maria/Brasil).

Professora Substituta na Universidade Federal do Rio Grande (Rio Grande/Brasil).

E-mail: [vanessadecamposjunges@gmail.com](mailto:vanessadecamposjunges@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9722-6617>

## **Simone Alves Pacheco de Campos**

Doutora em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/Brasil).

Professora na Universidade Federal de Santa Maria (Santa Maria/Brasil).

E-mail: [simone.campos@ufsm.br](mailto:simone.campos@ufsm.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9627-7677>

Recebido em: 22 de março de 2022

Aprovado em: 9 de junho de 2022

Sistema de Avaliação: Double Blind Review

RGD | v. 19 | n. 2 | p. 208-231 | jul./dez. 2022

DOI: <https://doi.org/10.25112/rgd.v19i2.2927>

## RESUMO

Este estudo teve como objetivo compreender como associações de reciclagem manifestam aspectos de ação coletiva e geram contribuições sociais. Para tanto, foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa de viés descritivo, na qual foi realizado um estudo de caso coletivo em duas associações de reciclagem. As fontes de evidências basearam-se em entrevistas, observações e documentos, os quais foram tratados com base na análise de conteúdo. Os principais achados revelam que tanto a Reciclarte quanto a Reciclamais demonstram partir do associativismo, ainda que apresentem dificuldades sob o aspecto da divisão de recursos e entrada de novos integrantes, o que se justifica pela vulnerabilidade em que se encontram. Contudo, isso não deixa de demonstrar que não são empreendimentos que partem puramente do associativismo. Assim, as associações podem se concretizar enquanto ações coletivas, partindo inicialmente da realização das características do associativismo, além de refletirem ações recíprocas, solidárias e cooperativas, que geram resultados promissores. Logo, com essa base é possível que se consiga contribuir significativamente com equidade, justiça social e emancipação dos indivíduos.

**Palavras-chave:** Associativismo. Ação coletiva. Reciclagem. Solidariedade.

## ABSTRACT

This study aimed to understand how recycling associations manifest aspects of collective action and generate social contributions. Therefore, a qualitative research with a descriptive bias was developed, in which a collective case study was carried out in two recycling associations. The sources of evidence were based on interviews, observations and documents, which were treated based on content analysis. The main findings reveal that both Reciclarte and Reciclamais demonstrate that they start from associations, even though they present difficulties in terms of the division of resources and entry of new members, which is justified by the vulnerability in which they find themselves. However, this does not fail to demonstrate that they are not projects that start purely from associativism. Thus, associations can materialize as collective actions, initially starting from the realization of the characteristics of associations, in addition to reflecting reciprocal, solidary and cooperative actions, which generate promising results. Therefore, on this basis, it is possible to be able to significantly contribute to equity, social justice and the emancipation of individuals.

**Keywords:** Associativism. Collective action. Recycling. Solidarity.

## 1 INTRODUÇÃO

À medida em que há desenvolvimento econômico e crescimento populacional, ocorre também maior produção e consumo por parte da população, o que gera preocupação acerca do que fazer com os resíduos provenientes desses ciclos (CARDOZO; ARAÚJO; MARIANI, 2017). Oliven (2006) considera que consumir é mais do que adquirir, envolve direcionar o resíduo gerado ao descarte adequado, pois pode transformar-se em um novo objeto, algo com utilidade diferente para outros indivíduos.

Nesta perspectiva, esses materiais recicláveis são atrativos não somente para empresas de reciclagem, mas principalmente para recicladores que atuam de forma autônoma, em cooperativas ou associações de reciclagem. Tais indivíduos encarregam-se de gerir os resíduos sólidos resultantes do dia-a-dia de consumo da população, os quais unem esforços entre si a fim de aumentarem a quantidade de materiais coletados para obter maior volume e melhor preço diante dos compradores, também compreendidos enquanto atravessadores (CARDOZO; ARAÚJO; MARIANI, 2017).

No Brasil, discute-se cada vez mais sobre o número de empreendimentos que geram trabalho e renda sob o contexto do associativismo e da autogestão, com base na reciclagem (JUNGES, 2018; SILVA, 2017; VIRGOLIN; ARAÚJO, 2015). De acordo com Lourenção, Giraldo e Castro (2017), o associativismo é uma iniciativa formal ou informal de indivíduos que possuem um objetivo comum, em que criam meios para superar dificuldades e obterem benefícios. Aliado a isso, Lüchmann (2014) destaca o associativismo enquanto uma fonte relevante de transformar problemas do viés individual para o coletivo, em busca de gerar maior possibilidade de resolução do contexto negativo.

Neste cenário, a criação de associações de reciclagem torna-se atraente, pois os recicladores podem trabalhar de forma conjunta (ALVES *et al.*, 2020, SILVA, 2017). Emerge, diante disso, a proposta de ação coletiva sob a perspectiva da Ostrom (2000), na qual os indivíduos agem com base no bem comum, de forma a não visar somente os objetivos individuais, mas também coletivos. A autora argumenta que a ação coletiva se constitui da divisão de recursos igualitária, observando-se aspectos como confiança, reputação, tamanho do grupo e heterogeneidade (OSTROM, 2007).

Em complemento, Wenningkamp e Schmidt (2016) pontuam em seu estudo que a partir do momento em que os indivíduos partem da ação coletiva conseguem obter resultados maiores do que quando trabalham individualmente. Sendo assim, este estudo apoia-se no entendimento de que associações baseadas no associativismo e na autogestão podem vir a refletir aspectos de ação coletiva contribuindo com a sociedade. À vista disso, emerge a seguinte questão norteadora da pesquisa: como associações de reciclagem baseadas no associativismo refletem aspectos de ação coletiva? Logo, o objetivo do presente

estudo é compreender como associações de reciclagem manifestam aspectos de ação coletiva e geram contribuições sociais.

Isto posto, este estudo justifica-se sob o viés prático devido a investigação relacionar-se aos recicladores, os quais estão muitas vezes situados à margem da sociedade, ainda que representem um papel de relevância, especialmente ao que compete ao quesito ambiental (ALMEIDA, SILVEIRA, ANGEL, 2020; ALVES *et al.*, 2020; JUNGES, 2018). Destaca-se isso, uma vez que são os principais responsáveis pela separação e destinação dos resíduos e, por vezes, não possuem equipamentos adequados para suas funções, se tornando suscetíveis a riscos e expostos a doenças (JUNGES, 2018; ONU MEIO AMBIENTE, 2017).

Vale ressaltar ainda, que se traz a discussão aspectos relacionados à reciclagem, a qual contribui com a preservação dos recursos da natureza, a economia de energia e o aumento de vida útil dos aterros sanitários (IBAM, 2001). Conforme exposto por Da Silva e Do Nascimento (2017), o desenvolvimento de ações voltadas a reciclagem, como a coleta seletiva, acaba por promover um espaço amplo para o desenvolvimento de diferentes ações, tais como a recuperação de áreas degradadas e a conscientização da relevância do tema perante a população, bem como desperta atenção para o apoio à indivíduos envolvidos na profissão de catação, oferecendo oportunidade de maior qualidade de vida e reconhecimento. Dessa forma, o estudo destaca a relevância de tais temáticas, bem como contribui com as associações, ao passo que analisar o contexto envolvido.

Ademais, salienta-se lacunas na literatura brasileira acerca dos temas do associativismo e ação coletiva diante dos recicladores sob o ponto de vista dos estudos em administração. Conforme Cardozo, Araújo e Mariani (2017), existe a necessidade de estudos sobre as organizações de recicladores, principalmente das suas dinâmicas e relações diante do meio laboral. Kremer, Cavalheiro e Vilpoux (2019) apontam ainda, a carência de estudos sobre a ação coletiva em pesquisas científicas, a fim de compreender como ocorre a cooperação entre os indivíduos. Assim, pretende-se contribuir com a discussão acerca dessas temáticas ainda pouco exploradas na academia brasileira, além de integra-las de modo a avançar cientificamente em como podem ser trabalhadas em conjunto.

Para tanto, o artigo está estruturado em cinco seções além dessa introdução. Nas seções dois e três é desenvolvida a construção teórica do estudo. Na seção quatro discorre-se sobre o método, e na seção cinco apresenta-se a análise e discussão dos resultados. Por fim, na seção seis são apontados os principais achados da pesquisa, bem como as limitações e sugestões para trabalhos futuros.

## 2 ASSOCIATIVISMO NA RECICLAGEM

Dentre tantas formas de organização que os indivíduos tem desenvolvido para se unir, o associativismo configura-se enquanto um meio de minimizar a desigualdade social, uma vez que há união em torno de algo específico que gera retorno aos indivíduos (ALVES, *et al.*, 2020; HÜLSE *et al.*, 2019; LEONELLO; COSAC, 2009; LOURENÇÃO; GIRALDI; CASTRO, 2017). Conforme Alves *et al.* (2020), Lüchmann, Schaefer e Nicoletti (2017) e Storch (2004), é baseado tanto sob o viés de problemas sociais quanto representação política ou inclusão social, compondo assim uma rede heterogênea e plural de interesses e indivíduos. Conforme Morais e Moura (2020, p. 137), o associativismo pode ser compreendido sob o lócus de protagonismo, sendo “iniciativas próximas aos problemas e interesses locais, caracterizadas pela ação solidária e reflexo da participação cidadã”.

De acordo com Hülse *et al.* (2019, p. 28816), “o associativismo integrou o desenvolvimento das sociedades humanas ao longo da história e constituiu um elemento fundamental para seu crescimento. Foi uma maneira que os indivíduos descobriram ser capaz de realizar seus objetivos quando individualmente isso era possível”. Nesse sentido, visa-se a melhora da qualidade de vida dos indivíduos, os quais obtêm crescimento e empoderam-se através da troca de experiências e convivência. Visto isso, o associativismo é compreendido de forma ampla, envolvendo questões econômicas, sociais, ambientais, políticas, entre outras (ALVES *et al.*, 2020; LEONELLO; COSAC, 2009).

Partindo dessa lógica de pensamento, trata-se da união de indivíduos que almejam algo em comum, o que passou a ser entendido como uma forma de oportunizar melhoria de vida para indivíduos de uma localidade a partir da troca de experiências e convivência, refletindo em crescimento e desenvolvimento (LEONELLO; COSAC, 2009). Nesta perspectiva, é uma forma de obter renda para sobreviver, além da inserção social (LEONELLO; COSAC, 2009; LOURENÇÃO; GIRALDI; CASTRO, 2017; VERONESE, 2016). Em complemento a este argumento, Leonello e Cosac (2009) apontam que o associativismo almeja concretizar demandas sociais que unem os indivíduos por meio da autonomia que promove o desenvolvimento local, em que a cooperação se torna a mola propulsora, abrindo caminhos e transformando comportamentos.

De acordo com Alves *et al.* (2011), Leonello e Cosac (2009) e Veronese (2016), o associativismo se configura enquanto um modo de os indivíduos unirem-se a fim de resolverem determinada imparcialidade imposta na sociedade. Para tanto, o grupo associado é composto por diversos indivíduos heterogêneos, em que todos possuem a mesma relevância e autoridade na associação, isto é, preza-se pela democracia, valores individuais e coletivos, solidariedade e cooperação entre os envolvidos (ALVES *et al.*, 2011; HÜLSE *et al.*, 2019; LEONELLO; COSAC, 2009; LÜCHMANN; SCHAEFER; NICOLETTI, 2017; VERONESE, 2016; STORCH, 2004).

Nesse meio, percebe-se o crescimento de associações no viés da reciclagem, em que os indivíduos passam a trabalhar em conjunto através do associativismo e autogestão (SILVA, 2017; VIRGOLIN; AILVA; ARAÚJO, 2015). Da Silva e Do Nascimento (2017) e Morais e Moura (2020), compreendem tais espaços enquanto formatos organizacionais que almejam respostas às fragilidades da sociedade, criando meios que contribuam com a melhoria da qualidade de vida nas mais diversas esferas, tanto social quanto econômica. Conforme Veronese (2016), sob o entendimento do associativismo pautado na reciclagem, existem evidências que esse possui potencial para o desenvolvimento da aprendizagem dos indivíduos, os inserindo na comunidade, bem como gerando trabalho e renda. Contudo, para isso de fato se concretizar é preciso o apoio de políticas públicas, a fim de haver maior visibilidade e recursos (STORCH, 2004; VERONESE, 2016).

Sobre isso, Alves *et al.* (2020) acrescentam que o associativismo sob olhar da reciclagem é promovido a partir da união, cooperação, solidariedade e trabalho associado de indivíduos que anseiam fortalecer suas lutas sociais, políticas e econômicas, em prol de reinserção social. Tais empreendimentos visam desenvolver o processo da reciclagem de forma coletiva, a fim de que obtenham seu sustento e, ao mesmo tempo, contribuam com a sociedade como um todo, principalmente no que se refere a questões ambientais (SILVA, 2017). Tais associações baseiam-se nos princípios da autogestão, em que dividem de forma igualitária seus recursos, prezam pelo grupo e decidem em conjunto (PINHEIRO; PAULA, 2016). Aliado a isso, Alves *et al.* (2011, p. 75), mencionam que “a criação associativa é impulsionada pelo sentimento de que a defesa de um bem comum supõe a ação coletiva”.

Portanto, a lógica do associativismo leva ao pensamento de fomento à democracia, pois individualmente torna-se mais complexo obter êxito em determinados contextos (HÜLSE *et al.*, 2019; LEONELLO; COSAC, 2009; LÜCHMANN; SCHAEFER; NICOLETTI, 2017; STORCH, 2004). Por consequência, parte-se do pressuposto de que o associativismo é baseado na ação solidária, em que os interesse coletivo deve estar a frente do individualismo (SAUSEN; PATIAS; ALLEBRANDT, 2011). Visto isso, com base no associativismo, os indivíduos podem alcançar seus objetivos mais facilmente, bem como se desenvolverem enquanto seres disciplinados e que visam cooperação, dado que em meio à heterogeneidade de pessoas envolvidas, acabam buscando um ponto comum que satisfaça a coletividade (LEONELLO; COSAC, 2009). Logo, conforme Schmitz e Farias (2021), para que se consiga manter a cooperação nos espaços associativos é necessário haver um espaço solidário e recíproco, o qual é também a base para uma ação coletiva. Em complemento, Junges, Telocken e Campos (2020) destacam que uma das formas de refletir a ação coletiva é por intermédio de associações, podendo estas serem voltadas a reciclagem, por exemplo.

### 3 AÇÃO COLETIVA: A BUSCA PELO BEM COMUM

Há um extenso debate em relação ao que de fato uma ação coletiva pretende alcançar, em que dentre os autores que discutem sobre o tema destacam-se Olson (1965) e Ostrom (2000, 2007). Olson (1965) defende que os indivíduos são egoístas e agem através de uma ação coletiva por almejam objetivos que são obtidos somente por meio da coletividade, mas não por desejarem o bem do grupo. Ostrom (2000) rebate tal argumento, apontando que o estudo de Olson pouca contribuição gerou, pois os indivíduos podem agir em conjunto em vista do bem do grupo não somente porque buscam algo a mais, ou seja, os indivíduos não agem somente por fins instrumentais. Isto posto, percebe-se que Olson conduz a uma lógica mais econômica, enquanto Ostrom almeja compreender o significado mais intrínseco existente na ação coletiva (KREMER; CAVALHEIRO; VILPOUX, 2019).

À vista disso, no estudo em questão, a lógica seguida é a de Ostrom (2000, 2007), em que se entende a ação coletiva como a uma união de indivíduos que possuem valores e visões de mundo diversas, mas algum interesse comum, o que acarreta um conjunto heterogêneo. De acordo com a autora, nem todos os indivíduos desenvolvem tais ações, o que os diferencia é a predisposição em agir de tal modo. Neste sentido, nos mais diversos espaços, há também indivíduos que se organizam de forma voluntária para obter benefícios individuais e coletivos, em que agem em prol do meio ambiente e de causas sociais (KREMER; CAVALHEIRO; VILPOUX, 2019; OSTROM, 2000).

Consoante a isso, Wenningkamp *et al.* (2017) e Wenningkamp e Schmidt (2016) ressaltam que os indivíduos podem se unir de diversas maneiras, tanto formal quanto informal, planejando em conjunto, bem como desenvolvendo ações pautadas no coletivo. Nesta perspectiva, a ação coletiva é derivada das mais diversas formas de união dos indivíduos, como através de parcerias, associações, alianças, sindicatos, instituições de caridade, entre outros modos (JUNGES; TELOCKEN; CAMPOS, 2020; MABUZA; ORTMANN; WALE, 2015; OSTROM, 2007; WENNINGKAMP *et al.*, 2017).

Entende-se que o ponto central não se trata da maneira que surgem as ações coletivas, mas o modo que são desenvolvidas ao longo do tempo para que se mantenham ativas. Desta maneira, é preciso que haja o amadurecimento do pensamento individual para o coletivo, o que pode refletir diretamente no desenvolvimento de uma localidade. Ademais, o 'fazer-se parte' de uma sociedade, na lógica do pertencimento enquanto indivíduo ativo em ação, bem como prezar por valores, confiança, solidariedade e busca pelo bem de todos, são aspectos a serem destacados em tal meio (WENNINGKAMP; SCHMIDT, 2016).

Ressalta-se ainda, que as ações coletivas caracterizam-se pela divisão igualitária dos recursos, considerando-se que a reputação, a confiança, a reciprocidade, o tamanho do grupo, a diferença entre os

indivíduos, a comunicação, o relacionamento e a possibilidade de entrada e saída voluntária, podem vir a favorecer ou prejudicar a união e o relacionamento do grupo (OSTROM, 2007; WENNINGKAMP *et al.*, 2017). Além disso, de acordo com Kremer, Cavalheiro e Vilpoux (2019) e Ostrom (2007), grupos menores acabam por possibilitar menor heterogeneidade, o que ocasiona a facilidade de manter os objetivos comuns.

Consoante a isso, Barnaud *et al.* (2018) refletem que a ação coletiva deriva de sujeitos que unem-se em vista de obter algo coletivo, espaço em que a cooperação torna-se o centro da permanência da iniciativa, bem como a ação voluntária, dado que a mesma deve ser concretizada por ações e reações espontâneas. Schmitz, Mota e Sousa (2017) complementam que a ação coletiva acontece por meio de interesse individual, mas também de uma motivação coletiva, a qual é pautada em reciprocidade.

Seguindo esta linha de pensamento, Kremer, Cavalheiro e Vilpoux (2019) relatam que, com base na ação coletiva, os indivíduos compreendem melhor quais são os anseios dos envolvidos no grupo, o que facilita a busca pelos objetivos comuns, além de criarem laços de confiança, reciprocidade, cooperação e senso de justiça. Neste meio, a confiança e a comunicação são aspectos que se destacam na ação coletiva, em que a recusa por seguir as regras determinadas pelo grupo pode desestabilizar a ação, gerando a necessidade de restringir de alguma forma o indivíduo que ocasionou o problema.

Em adicional, Junges *et al.* (2020) realizam seu estudo em três projetos sociais de reciclagem, evidenciando que a ação coletiva acaba por gerar um espaço voltado a aprendizagem dos envolvidos, auxiliando a capacidade de resiliência destes. Schmitz e Farias (2021) evidenciam em seu estudo que a permanência da ação coletiva na cooperativa investigada ocorreu em virtude do engajamento, da cooperação do grupo e da tomada de decisões em conjunto, os quais tiveram enquanto base a finalidade da ação, que seria atingir o objetivo comum mesmo frente a adversidades. Além disso, foi destacado a relevância da confiança, dado que auxilia no modo em que conseguem cooperar ao longo do tempo (SCHMITZ; FARIAS, 2021).

Ainda, Junges, Telocken e Campos (2020) entendem enquanto características da ação coletiva a reciprocidade, voluntariedade, cooperação, solidariedade, confiança, responsabilidade, compartilhamento de renda, valores e decisões em conjunto. Para as autoras, tais elementos comportam de modo amplo a ação coletiva, a qual em conjunto com a educação para sustentabilidade pode ser a chave para o alcance da Agenda 2030. Frente a isso, percebe-se o quão ampla e relevante é a temática, considerando que o viés ambiental e social é aspecto chave em tal contexto, assim como no presente estudo.

Logo, Tierling e Schmidt (2020) alegam em seu estudo, que a ação coletiva ainda que possua desafios perante sua complexidade na atuação conjunta dos indivíduos, é a base da ação conjunta sustentável ao longo do tempo. Isto posto, a ação coletiva trata-se do esforço gerado pela união de indivíduos que almejam algo em comum e desenvolvem tal relação baseados em cooperação, solidariedade e



voluntariedade, sendo algo espontâneo (BARNAUD *et al.*, 2018; DUQUE; DE MELLO; DE ARAÚJO, 2012; MABUZA; ORTMANN; WALE, 2015; OSTROM, 2000; SCHMITZ; MOTA; SOUSA, 2017; WENNINGKAMP; SCHMIDT, 2016). Portanto, com base neste cenário é possível que se manifestem valores como equidade, justiça social e emancipação (BARNAUD *et al.*, 2018), promovendo avanços sociais significativos.

#### 4 MÉTODO

O estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa (STAKE, 2000) e descritiva, em que foi desenvolvido um estudo de caso coletivo (STAKE, 1998). O objeto de pesquisa trata-se de duas associações de reciclagem localizadas no Rio Grande do Sul, as quais receberam nomenclatura fictícia a fim de preservar a confidencialidade e sigilo dos sujeitos e empreendimentos investigados, nomeando-os enquanto Reciclarte e Reciclormais (Quadro 1).

**Quadro 1 – Descrição das associações estudadas**

Associação	Localização	Histórico
<b>Reciclarte</b>	Região central do estado do Rio Grande do Sul	Desenvolvida no ano 2000, a associação faz parte de um projeto social criado por uma Instituição de Ensino Superior Federal (IESF) que oferece apoio a quatro associações de reciclagem, fornecendo um caminhão para a coleta dos resíduos da instituição. São 70 pontos de coleta dentro de toda a IESF, o que resulta em mais de 4 toneladas de resíduos por mês. Além desta forma de recebimento de material, empresas e pessoas físicas que tem interesse levam até a associação os seus resíduos. A estrutura física do empreendimento é precária, possuem maquinários, mas pouco ou nenhum equipamento de proteção para desenvolver o trabalho de reciclagem.
<b>Reciclormais</b>	Região no-roeste do estado do Rio Grande do Sul	Fundada no ano de 2013, a associação foi desenvolvida por um projeto social de uma Instituição de Ensino Superior Privada (IESP) que oferece apoio e fomento a outros três empreendimentos na cidade. Os materiais recicláveis são obtidos por intermédio do projeto, pois possuem caminhões que levam o material arrecadado nos bairros da cidade, além de empresas e pessoas físicas que os entregam na associação. Possui estrutura física adequada, maquinários e equipamentos para o desenvolvimento seguro do trabalho aos recicladores.

**Fonte: Desenvolvido pelas autoras (2022)**

A coleta de dados ocorreu no ano de 2018 através de múltiplas técnicas em vista de obter maior profundidade a respeito dos contextos analisados, sendo entrevistas semiestruturadas, as quais foram baseadas em um roteiro semiestruturado para auxiliar a conversa informal desenvolvida (GASKELL, 2002), observação não participante (FERREIRA; TORRECILHA; MACHADO, 2012), que ocorreu no momento de trabalho e conversas informais dos recicladores e análise de fontes secundárias (GERHARDT *et al.*, 2009), baseadas em planilhas de rendimentos, estatuto e documentos operacionais.

Salienta-se que em relação às entrevistas, foram conduzidas individualmente nas associações com os indivíduos que aceitaram participar do estudo, nas instalações das instituições e no projeto de reciclagem. As entrevistas foram gravadas com o consentimento dos entrevistados que receberam nomenclatura fictícia, e posteriormente transcritas. A seguir, desenvolveu-se o Quadro 2 em vista de apresentar a relação dos sujeitos de pesquisa.

**Quadro 2 – Relação dos entrevistados**

<b>Associação</b>	<b>Entrevistado</b>	<b>Função</b>	<b>Duração da entrevista</b>
<b>Reciclarte</b>	Andressa	Presidente	38'10
	Joana	Coordenadora	48'50
<b>Reciclamaís</b>	Jonas	Presidente	55'25
	Maria	Coordenadora	58'33

**Fonte: Desenvolvido pelas autoras (2022)**

Para a análise dos dados utilizou-se a análise de conteúdo de Bardin (2016), na qual as categorias foram estabelecidas *a priori*. Assim, foi realizada a etapa de pré-análise dos dados, seguida da exploração de materiais e da interpretação dos dados. Inicialmente, realizou-se a leitura completa e minuciosa dos dados obtidos, além da organização do material, sendo esse diferenciado por ordem de relevância. Posterior a isso, criaram-se códigos (elementos das categorias) nos dados, a fim de identificar pontos de concordância e discordância. Por fim, confrontaram-se os dados lidos, organizados e codificados com a base teórica do estudo, buscando-se atingir o objetivo proposto, bem como sugere Bardin (2016). A seguir, o Quadro 3 evidencia as categorias analíticas estabelecidas, as quais são a base para o desenvolvimento da análise do estudo.

**Quadro 3 – Categorias analíticas**

<b>Categoria</b>	<b>Elementos</b>	<b>Autores</b>
<b>Associativismo</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• União em vista de retorno econômico, social, ambiental e político;</li> <li>• Autonomia;</li> <li>• Cooperação;</li> <li>• Solidariedade;</li> <li>• Autogestão.</li> </ul>	Alves <i>et al.</i> (2020); Alves <i>et al.</i> (2011); Hülse <i>et al.</i> (2019); Leonello e Cosac (2009); Lourenção, Giral-di e Castro (2017); Lüchmann, Schaefer e Nicoletti (2017); Pinheiro e Paula (2016); Morais e Moura (2020); Sausen, Patias e Allebrandt (2011); Silva (2017); Storch (2004); Veronese (2016); Virgolin, Silva e Araújo (2015).
<b>Ação coletiva</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Objetivo comum;</li> <li>• Cooperação;</li> <li>• Solidariedade;</li> <li>• Confiança;</li> <li>• Divisão de recursos;</li> <li>• Reciprocidade;</li> <li>• Tamanho do grupo;</li> <li>• Heterogeneidade;</li> <li>• Comunicação.</li> </ul>	Barnaud <i>et al.</i> (2018); Duque, De Mello e De Araújo (2012); Kremer, Cavalheiro e Vilpoux, (2019); Mabuza, Ortmann e Wale (2015); Ostrom (2000, 2007); Schmitz e Farias (2021); Schmitz, Mota e Sousa (2017); Wenningkamp <i>et al.</i> (2017); Wennin-gkamp e Schmidt (2016).

Fonte: Desenvolvido pelas autoras (2022)

## 5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção são expostos os achados em relação aos casos analisados no presente estudo, quais sejam: Reciclarte e Reciclmais.

### 5.1 CASO REICLARTE

A associação Reciclarte iniciou o trabalho de reciclagem de resíduos sólidos no ano de 2000, período em que não possuía fomento algum e tratava-se somente de um grupo de indivíduos que buscavam por meio da união melhores condições de vida. Tal evidência é congruente ao exposto por Hülse *et al.* (2019), Leonello e Cosac (2009) e Lourenção, Giral-di e Castro (2017), os quais argumentam que os indivíduos passaram a criar iniciativas associativas para suprir necessidades básicas não atendidas, em vista de obter maior qualidade de vida, o que demonstra ter ocorrido no processo de criação da associação.

Houve grande negociação entre a associação e a prefeitura, até o momento em que foi cedido o espaço físico para instalação do galpão de reciclagem. Conforme Andressa, “a prefeitura entregou esse prédio aqui pra nós sem nada, não tinha nada, só as paredes de pé” (trecho extraído da entrevista). Posterior a isso, passaram a receber apoio de uma IESP, com a qual conseguiram obter uma reforma

do espaço físico, bem como a compra de maquinário e equipamentos de proteção, o que foi evidenciado tanto nas entrevistas quanto nas fontes documentais.

Em meio a isso, visualiza-se a carência de políticas públicas, as quais poderiam transformar tais espaços em exemplos de crescimento e emancipação de indivíduos excluídos da sociedade (STORCH, 2004; VERONESE, 2016). Ademais, tal situação reflete resposta a uma questão política, pois o próprio cerne do desenvolvimento associativo pode ser entendido enquanto resultado de demandas não atendidas (ALVES *et al.*, 2020; MORAIS, MOURA, 2020; STORCH, 2004; VERONESE, 2016).

No ano de 2016, a associação passou a participar de um projeto da IESF, em que diversas entidades públicas e privadas prestaram apoio à associação, o que de certo modo fez com que essa continuasse ativa, visto que anteriormente o cenário era preocupante em virtude da carência enfrentada, conforme relatado pela presidente. De acordo com Joana, foi um longo período até a associação compreender o fim positivo que havia no projeto, pois possuíam receio dos reais interesses. Isso revela a incerteza existente nos meios associativos, bem como a complexidade da iniciativa, a qual deve ser permeada por cooperação e confiança para que se desenvolva (ALVES *et al.*, 2011, HÜLSE *et al.*, 2019; LEONELLO; COSAC, 2009; LÜCHMANN; SCHAEFER; NICOLETTI, 2017; VERONESE, 2016; STORCH, 2004).

O modo de trabalho na Reciclarte é pautado na autogestão, em que os próprios recicladores criaram um estatuto e possuem autonomia para desenvolver seu trabalho. Para Andressa “é quase uma troca de trabalho né, a gente gosta, é um trabalho que a vida toda a gente teve, então é uma coisa que a gente gosta de fazer e é livre... Claro, tem que cumprir horário sim, mas não tem um patrão”. Tal achado é também identificado nos documentos da Reciclarte, onde é explícito o estatuto da mesma. Diante disso, percebe-se congruência com o entendimento de associativismo, pois partem da autogestão, bem como possuem liberdade ao desenvolverem o trabalho, havendo democracia ao invés de autoridade centralizada (ALVES *et al.*, 2011; HÜLSE *et al.*, 2019; LEONELLO; COSAC, 2009; LÜCHMANN; SCHAEFER; NICOLETTI, 2017; PINHEIRO; PAULA, 2016; VERONESE, 2016; STORCH, 2004).

Identificou-se incongruências a respeito da cooperação, uma vez que nem todos os recicladores estão dispostos a serem solidários e dividirem de forma igualitária a renda mensal e as atividades, conforme exposto no trecho a seguir: “o catador, esse que trabalha na rua, ele não gosta de trabalhar em grupo, ele não gosta de dividir né... E chega aqui tem que dividir, divide o nosso e divide o dele. Aí eles trabalham de dia para comer de noite né. Como é que eles vão tá esperando né, ter um mês pra vende, pra dividir” (trecho extraído da entrevista com Andressa). Assim, em contrapartida a esse olhar com predomínio individualista, nas fontes documentais é ressaltado um contexto de união e partilha, bem como nas observações, por parte de alguns recicladores.

Isto posto, tal cenário demonstra o contrário do que se compreende existir em um espaço de associativismo, dado que os indivíduos devem unirem-se em prol de objetivos que sejam positivos a todos, tendo em vista o coletivo e não o individual (SAUSEN; PATIAS; ALLEBRANDT, 2011). Além desse olhar, é preciso refletir sobre o histórico de vida de tais recicladores, os quais defrontam-se a um contexto diferente do que lhes era comum, pois trabalhavam sozinhos e obtinham todo o retorno para si. Argumenta-se isso em virtude da relevância dos recicladores permanecerem na associação, pois podem obter melhores condições de trabalho e renda. Por consequência, caso houvesse um trabalho social criado pelos agentes públicos tal cenário poderia ser diferente, uma vez que é na associação o espaço em que os indivíduos deveriam estar trabalhando (SILVA, 2017; STORCH, 2004; VERONESE, 2016; VIRGOLIN; SILVA; ARAÚJO, 2015). Entretanto, ainda que existam tais conflitos sobre a falta de cooperação, evidenciou-se que os recicladores são unidos e conseguem agir em coletivo: “todo mundo vai se ajudando, todo mundo é igual, todo mundo trabalha igual. Não deixo formar, tipo panelinha” (trecho extraído da entrevista com Andressa).

Evidenciou-se nas entrevistas, observações e documentos, que o grupo em sua grande maioria busca por um fim comum, o qual seja positivo para todos. O próprio lema que a Reciclarte utiliza é que “muita gente pequena, em muitos lugares pequenos, fazendo coisas pequenas mudarão a face da terra”, o qual é um Provérbio Africano e leva ao entendimento de que ainda sendo minoria, os recicladores acreditam que podem modificar o mundo com boas ações. Tal achado vai ao encontro de Kremer, Cavalheiro e Vilpoux (2019) e Ostrom (2000), uma vez que é possível visualizar ações coletivas que partam de fins coletivos para o bem comum e não objetivos instrumentais.

Destaca-se que o grupo iniciou com cerca de vinte e cinco recicladores, período em que haviam conseguido a instalação predial, os equipamentos, além da capacitação remunerada ofertada pelo governo. Conforme Andressa relatou: “tinha muita gente né, porque se engajaram no trabalho. Terminou o curso ficou só nós, mas nós já tinha a experiência em si né, o pessoal ficou enquanto tava recebendo dinheiro” (trecho extraído da entrevista). Nesse meio, identifica-se que o interesse dos recicladores que se retiraram quando acabou o recurso era mais instrumental, aos olhos de Olson (1965) entendido enquanto egoísta. Porém, sob o entendimento de Ostrom (2000), a qual é a linha principal de entendimento deste artigo, nem todos os indivíduos agirão do mesmo modo e a ação de alguns não deve invalidar a de outros. Haja vista, entende-se que tais indivíduos não agiram com base na ação coletiva ao se retirar, mas não necessariamente são egoístas devido a isso.

Segundo a recicladora, o grupo de trabalho é formado por oito recicladores, os quais possuem boa comunicação e finalidade comum, em que se entende que o tamanho do grupo, por ser reduzido, tem sido positivo, uma vez que há melhor transmissão de informações, bem como maior homogeneidade. Para

Kremer, Cavalheiro e Vilpoux (2019) e Ostrom (2007), o tamanho do grupo pode impactar positivamente em uma ação coletiva, principalmente quando esse é pequeno.

Ressalta-se ainda, que existe uma relação de respeito e gratidão diante da presidente da Reciclarte, a qual está no cargo desde a formação da associação. Visto isso, observou-se que essa relação positiva reflete maior confiança ao grupo, além de relações recíprocas que fortalecem a cooperação de todos em prol de que cresçam enquanto um empreendimento, bem como contribuam com a comunidade a que pertencem, assim como Kremer, Cavalheiro e Vilpoux (2019), Schmitz e Farias (2021) e Schmitz, Mota e Sousa (2017), destacam ocorrer em espaços de ação coletiva.

Ademais, identificou-se que há uma relação de respeito mútuo entre os recicladores, os quais trabalham auxiliando um ao outro conforme suas capacidades, o que reflete cooperação e o objetivos bem alinhados. Portanto, tem-se a base de uma ação coletiva com ações cooperativas e espontâneas, pautadas em interesses coletivos (BARNAUD *et al.*, 2018; DUQUE; DE MELLO; DE ARAÚJO, 2012; MABUZA; ORTMANN; WALE, 2015; OSTROM, 2000; SCHMITZ; FARIAS, 2021; SCHMITZ; MOTA; SOUSA, 2017; WENNINGKAMP; SCHMIDT, 2016).

Em relação ao valor arrecadado, esse é dividido de forma igualitária, com base no tempo de trabalho de cada reciclador, o que demonstra coincidir com uma das características da ação coletiva (OSTROM, 2007; WENNINGKAMP *et al.*, 2017). Assim, parte-se do entendimento de que os objetivos são mais facilmente atingidos por meio da coletividade (WENNINGKAMP *et al.*, 2017). Ademais, um ponto que se destacou tanto nas entrevistas quanto nas observações é o propósito solidário que guia a Reciclarte. Dessa forma, além do trabalho de reciclagem, o grupo destina atenção e recursos para outros quatro projetos que desenvolveram, quais sejam: educação comunitária para crianças, artesanato com materiais recicláveis, brechó e trabalho comunitário para pessoas com pena de prestação de serviço à comunidade.

Sobre isso, Andressa argumentou que “não é só associação de catadores, a gente tem todo um trabalho social né, tem projeto de criança, tem o brechó, tem as máquinas, [...] Tem bastante coisa, não é só... Aquilo ali, claro, carrega o resto né... Mas não é só associação de reciclagem” (trecho extraído da entrevista). Percebe-se aqui, que o fim da Reciclarte é mais do que simplesmente o associativismo em prol do grupo, pois se reflete enquanto um meio solidário de contribuir com a comunidade. Além disso, pontua-se que o brechó arrecada recursos para desenvolver as atividades com as crianças, não tendo como finalidade a associação de reciclagem.

Portanto, partindo do entendimento de Ostrom (2000), os indivíduos unem-se de forma voluntária em vista de contribuir com diversas causas, sejam sociais, ambientais e políticas, em que o ponto central é que visem gerar retornos para a coletividade. Logo, identifica-se que a Reciclarte parte do entendimento do associativismo, em vista de criar meios para que os recicladores se reinsiram na sociedade e obtenham

maior qualidade de vida. Entretanto, o fio condutor da associação é a ação coletiva, uma vez que o fim comum, baseado tanto no desenvolvimento do grupo quanto em ações para comunidade é o que gera a permanência da Reciclarte. Em seguida, com o intuito de evidenciar os achados relativos à associação Reciclarte desenvolveu-se o Quadro 4.

**Quadro 4 – Associação Reciclarte: principais aspectos identificados**

<b>Associação</b>	<b>Principais aspectos identificados</b>
<b>Reciclarte</b>	Apoio externo: carência de políticas públicas.
	Base do trabalho: autogestão que oportuniza autonomia e flexibilidade.
	Conflito gerado pela complexidade da situação social: ausência de cooperação entre os recicladores no início do projeto em relação a divisão de recursos.
	Existência de individualidade: alguns recicladores se retiraram da associação quando essa deixou de receber incentivos de um projeto da qual participava.
	Relacionamento dos recicladores: boa comunicação, respeito mútuo, cooperação e objetivos alinhados.
	Principal finalidade: criar condições básicas de sobrevivência e contribuir com a comunidade envolvida.
	Preocupação social: propósito solidário e prestação de serviços à comunidade em que buscam tanto o desenvolvimento do grupo quanto da comunidade.

**Fonte: Desenvolvido pelas autoras (2022)**

## 5.2 CASO RECICLAMAIS

A associação emergiu de um projeto de uma IESP, a qual ofereceu instalação predial, bem como maquinário e equipamentos de proteção. Tal apoio iniciou no ano de 2010, porém se concretizou em 2013, devido à complexidade social envolvida. Conforme Maria, “é um público que tem uma desconfiança, ele é marcado por isso [...] eles vêm de uma trajetória que é muito pesada, né, a vulnerabilidade [...] isso faz com que eles sejam mais retraídos” (trecho extraído da entrevista). Pontua-se aqui, a necessidade de políticas que apoiem os indivíduos excluídos da sociedade, deixando-os mais confiantes frente às oportunidades ofertadas (STORCH, 2004; VERONESE, 2016).

O cerne da Reciclormais é gerar, por meio do associativismo, a reinserção dos recicladores, bem como a promoção de condições dignas na realização do trabalho de reciclagem, o que é exposto em seu estatuto e na fala dos entrevistados. Em meio a isso, identifica-se que partem do objetivo de criar retorno econômico aos envolvidos, criando um empreendimento que modifique a vida dos recicladores. Conforme consta no estatuto, buscam a “geração do trabalho e renda, incentivando a organização comunitária”. Visto isso, percebe-se que o associativismo promove a união de indivíduos a fim de que consigam respostas

em um contexto que está se desenvolvendo e para que participem ativamente dele (ALVES *et al.*, 2020; HÜLSE *et al.*, 2019; LEONELLO; COSAC, 2009; LOURENÇÃO; GIRALDI; CASTRO, 2017).

Identificou-se que há uma marca forte em relação a questões ambientais na associação, uma vez que acreditam que por meio da reciclagem podem modificar o contexto, além de que se entendem enquanto agentes ambientais, tomando para si o cargo de propulsores da mudança. Observa-se aqui, que a Reciclmais tem uma compreensão bem definida do que pretendem com a associação, que seria transformar o 'lixo' em algo dotado de valor. Assim, quando os indivíduos passam a perseguir objetivos em conjunto, podem emergir mais do que somente um fim, mas questões econômicas, sociais, ambientais e políticas (LEONELLO; COSAC, 2009).

Vale ressaltar que a participação na Reciclmais oportunizou a transformação de vida de diversos recicladores, o que corrobora com a proposta do associativismo (SILVA, 2017; VIRGOLIN; SILVA; ARAÚJO, 2015). Jonas comentou que "eu faço esse trabalho com bastante orgulho, bastante respeito também, e com certeza com maior, como é que eu posso te fala essa palavra... Eu tenho maior orgulho de fazer aquele serviço" (trecho extraído da entrevista).

Ainda que tenha enquanto finalidade principal a reciclagem de resíduos, a Reciclmais recebeu a oportunidade de passar a produzir vassouras com materiais recicláveis para gerar melhor rendimento aos recicladores. A ideia era que os trabalhadores que tivessem interesse atuassem tanto na reciclagem quanto na produção, recebendo igualmente pelos trabalhos. Diante disso, visualizou-se que mesmo tratando-se de um empreendimento de associativismo, a autonomia proporcionada levou alguns indivíduos a desviarem-se do real objetivo da associação, uma vez que ao serem expostos à oportunidade de produzirem vassouras, não conseguiram agir com base na autogestão (SILVA, 2017; VIRGOLIN; SILVA; ARAÚJO, 2015). Dessa forma, os recicladores passaram a ter diversos conflitos, pois não admitiam que alguns integrantes do grupo estivessem produzindo vassouras e recebessem pelo trabalho da reciclagem. Isso demonstra que não conseguiram unir o grupo de forma positiva, e deixaram interesses individuais frente aos coletivos (SAUSEN; PATIAS; ALLEBRANDT, 2011).

Por outro lado, a cooperação entre o grupo se destaca, posto que conseguiram desenvolver a ideia de comprar material reciclável dos recicladores individuais, em que valorizam tais indivíduos, pagando mais do que os atravessadores, além de assim conseguirem fechar uma carga para comercializar de forma mais rápida. Visto isso, o associativismo deve ser pautado na cooperação, pois assim o grupo torna-se mais unido e consegue desenvolver soluções que promovam crescimento (ALVES *et al.*, 2011, HÜLSE *et al.*, 2019; LEONELLO, COSAC, 2009; LÜCHMANN; SCHAEFER; NICOLETTI, 2017; VERONESE, 2016; STORCH, 2004).



Constatou-se que entre o grupo fechado existente na associação há solidariedade, porque trabalham, decidem em conjunto e auxiliam-se. Contudo, a entrada de novos integrantes nem sempre é vista de modo positivo, uma vez que o grupo, caso não consiga desenvolver um laço com este indivíduo, acaba gerando conflitos. Sobre isso, foi relatado pela coordenadora Maria, que alguns indivíduos até deixaram de participar da Reciclamaís, pois não conseguiram compartilhar o mesmo fim que o grupo possuía. Com base nas observações, se percebeu que há de fato um grupo bem alinhado e fechado, o qual compartilha de um objetivo comum (BARNAUD *et al.*, 2018; DUQUE; DE MELLO; DE ARAÚJO, 2012; MABUZA; ORTMANN; WALE, 2015; OSTROM, 2000; SCHMITZ; MOTA; SOUSA, 2017; WENNINGKAMP; SCHMIDT, 2016), baseado em um laço de confiança e amizade, em que se desenvolver com base na autogestão.

Em concordância, Jonas destacou que “é um trabalho que uniu, uniu amizade, uniu a confiança de todos, e espero tá podendo ajuda hoje, amanhã e sempre eles, porque quando eu precisei eles me ajudaram também” (trecho extraído da entrevista). Desta forma, conseguiram desenvolver uma relação recíproca e espontânea, baseada na confiança de que unidos podem crescer (KREMER; CAVALHEIRO; VILPOUX, 2019). Ademais, ressalta-se que a divisão dos recursos é feita por turno trabalhado, porém, isso por vezes causa conflitos quando há a entrada de um novo reciclador. Identificou-se que o grupo possui dificuldade em compreender a relevância da entrada de um novo trabalhador, o que não corrobora com o entendimento da ação coletiva, pois deveriam agir com base no bem comum (OSTROM, 2000, 2007).

Ainda sob esse aspecto, constatou-se que o tamanho do grupo na associação gera grande impacto no desenvolvimento da mesma. Existe certa homogeneidade no grupo que está formado por, em média, dezesseis recicladores, e caso um novo reciclador se insira isso pode afetar negativamente, tanto no que compete à comunicação entre o grupo, quanto o aumento de conflitos. Segundo Maria, “eles conseguem trabalhar muito bem com o grupo que já está formado, que já está coeso [...]. Se entra qualquer um [...] depende muito da questão, se o grupo vai acaba inserindo esse indivíduo ou se ele vai rejeita e se ele rejeita não consegue vinga” (trecho extraído da entrevista). Isto posto, o cenário demonstra forte influência acarretada pelo tamanho do grupo e sua heterogeneidade, o que pode prejudicar a comunicação e o desenvolvimento da associação como um todo (KREMER; CAVALHEIRO; VILPOUX, 2019; OSTROM, 2007; WENNINGKAMP *et al.*, 2017).

Todavia, o grupo demonstrou importar-se com a comunidade envolvida, pois quando recebem algum móvel que não precisam, buscam destinar a quem de fato necessita: “já tenho na minha cabeça uma cama que eu ganhar ou alguma pessoa quiser descarta alguma cama boa que possa utiliza, eu já tenho em mente que eu tenho que contribui e leva lá pra dona Justina, porque a dona Justina me fez esse pedido”. Neste ponto é possível visualizar o entendimento de ação coletiva segundo Ostrom (2000), dado

que a Reciclmais demonstrou se importar com causas que vão além do propósito do grupo, almejando o bem comum.

Diante disso, percebe-se que a Reciclmais possui um fim definido e um grupo bem fechado, com o qual consegue trabalhar e crescer, o que vai ao encontro do associativismo. Contudo, possui uma postura um tanto individualista em relação à entrada e divisão com novos integrantes, o que não corrobora com o entendimento de associativismo e ação coletiva. Logo, percebe-se que o fio condutor da associação é o laço desenvolvido pelo grupo concretizado, e que transformações nem sempre são compreendidas como possibilidade de crescimento. A seguir desenvolveu o Quadro 5, em vista de elencar os principais pontos encontrados em relação à associação Reciclmais.

**Quadro 5 – Associação Reciclmais: principais aspectos identificados**

<b>Associação</b>	<b>Principais aspectos identificados</b>
<b>Reciclmais</b>	Apoio externo: recebeu incentivo inicial com instalação predial.
	Base do trabalho: há conflitos na gestão em relação à autogestão, mas é a principal norteadora do trabalho.
	Conflito gerado pela complexidade da situação social: resistência por parte de alguns integrantes em relação a inserção de novos recicladores na associação.
	Existência de individualidade: em alguns casos, os interesses individuais se sobrepõem aos interesses coletivos.
	Relacionamento dos recicladores: existe cooperação e relação duradoura de confiança, cooperação e solidariedade entre os indivíduos.
	Principal finalidade: criar retorno econômico aos envolvidos, a fim de melhorar a vida dos recicladores.
	Preocupação ambiental: buscam agir como agente ambientais.
	Preocupação social: buscam tanto o desenvolvimento do grupo quanto da comunidade.

**Fonte: Desenvolvido pelas autoras (2022)**

### 5.3 AÇÕES SOLIDÁRIAS E COOPERATIVAS ENQUANTO REFLEXO DE CRESCIMENTO, EMPODERAMENTO E SENSO DE JUSTIÇA: BREVE ANÁLISE DOS CASOS REICLARTE E REICLAMAIS

Com base na análise dos Casos Reciclarte e Reciclmais, pode-se visualizar que o ponto comum entre o associativismo e a ação coletiva se dá através da solidariedade e cooperação, pois ambos partem deste entendimento para se desenvolverem de forma sustentável. Ao se salientar o contexto da Reciclarte, constata-se que a mesma possui fortes traços de ação coletiva, em que a solidariedade guia o desenvolvimento tanto sob o viés da associação de reciclagem quanto dos projetos sociais desenvolvidos.

Refletindo-se sobre a Reciclamais, identifica-se que a mesma tem como principal objetivo o grupo de trabalho, o qual é recíproco entre si, mas nem sempre com indivíduos externos.

Diante disso, ainda que existam tais discrepâncias, evidenciou-se que em ambos os casos há reflexos de crescimento, empoderamento e senso de justiça. Com o desenvolvimento da associação Reciclarte os indivíduos passaram a reivindicar seus direitos, desenvolver ações em vista da transformação da comunidade, além de empoderarem-se em virtude da força que reflete o grupo de trabalho. Em relação à Reciclamais, salienta-se que a mesma provocou mudança relevante na vida dos recicladores, os quais se empoderaram e até ressignificaram o entendimento do seu papel perante a sociedade, se reconhecendo enquanto agentes ambientais. Portanto, pode-se entender o associativismo enquanto um meio alternativo de promoção de renda e inserção social, e a ação coletiva como a geração de trabalho e desenvolvimento de ações altruístas. Logo, o Quadro 6 busca apresentar uma síntese dos principais achados em relação aos aspectos convergentes e divergentes das associações Reciclarte e Reciclamais.

**Quadro 6 – Síntese dos casos analisados**

<b>Associação</b>	<b>Aspectos convergentes</b>	<b>Aspectos divergentes</b>
<b>Reciclarte</b>	Há reflexos de crescimento, empoderamento e senso de justiça. O associativismo pode ser entendido enquanto meio alternativo de promoção de renda e inserção social, e a ação coletiva como geração de trabalho e ações altruístas.	Destaca fortes traços de ação coletiva e solidariedade, como o desenvolvimento de projetos para a comunidade.
<b>Reciclamais</b>	Há reflexos de crescimento, empoderamento e senso de justiça. O associativismo pode ser entendido enquanto meio alternativo de promoção de renda e inserção social, e a ação coletiva como geração de trabalho e ações altruístas.	Possui maior foco nos membros da associação e seu retorno financeiro, em que apresenta certa resistência à entrada de novos membros e destaca a relevância de questões ambientais.

**Fonte: Desenvolvido pelas autoras (2022)**

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo compreender como associações de reciclagem manifestam aspectos de ação coletiva e geram contribuições sociais. Ao analisar os casos Reciclarte e Reciclamais, evidenciou-se que, com base na finalidade do associativismo, o mesmo acaba por influenciar o cerne do empreendimento para ações mais voltadas à coletividade, o que impulsiona aspectos da ação coletiva. O desenvolvimento das associações sob tais aspectos acaba por gerar crescimento social tanto dos recicladores (empoderando-os) quanto da comunidade que os cerca (auxiliando através de projetos e oferecendo doações em prol de melhores condições de vida), dependendo do objetivo base do grupo.

Ambos os casos demonstram a carência de políticas públicas que capacitem e fortaleçam a confiança de tais indivíduos em espaços de associativismo, pois identificou-se insegurança nas duas associações quando foram expostas a novas oportunidades. Porém, um dos objetivos do associativismo é

gerar retornos políticos, o que a associação Reciclarte apresentou conseguir obter. De modo geral, tanto a Reciclarte quanto a Reciclormais demonstram partir do associativismo, ainda que apresentem dificuldades sob o aspecto da divisão de recursos e entrada de novos integrantes, o que se justifica pela vulnerabilidade em que se encontram. Contudo, isso não deixa de demonstrar que não são empreendimentos que partem puramente do associativismo. Em relação à ação coletiva, a Reciclarte destaca-se mais por refletir seu fim como tal, enquanto a Reciclormais realiza ações mais dispersas que almejam o bem comum, pois tem como base principal o grupo de associados.

Visto isso, entende-se que as associações podem se concretizar enquanto ações coletivas, partindo inicialmente da realização das características do associativismo, além de refletirem ações recíprocas, solidárias e cooperativas, que geram resultados promissores. Entende-se que com essa base é possível que se consiga contribuir significativamente com equidade, justiça social e emancipação dos indivíduos. Salienta-se que ao se analisar a Reciclarte e a Reciclormais, é possível argumentar que se encaixam em tais fatores, porém de forma simplória, em virtude de que há diversos aspectos a se transformarem de um interesse instrumental para um puramente coletivo e comum.

Enquanto implicação prática, o artigo contribui para as associações analisadas observarem seu contexto sob um olhar diferente, além de servir de parâmetro a outros empreendimentos associativos. Sob um olhar teórico, o artigo demonstra a articulação entre a ação coletiva e o associativismo, o qual é pautado na solidariedade e cooperação, uma vez que é partindo do entendimento do associativismo enquanto uma mudança do individual para o coletivo que se consegue fazer com que os indivíduos unam-se e assim passem a almejar o bem de todos, desenvolvendo ações puramente solidárias com retorno social.

Por fim, as limitações da pesquisa pautam-se na impossibilidade de maior tempo de coleta de dados, além do número reduzido de casos estudados. Sugere-se, para pesquisas futuras, que realizem estudos com um número maior de casos, bem como investiguem a dificuldade existente em partir do coletivo e não do individual em tais espaços, para que de fato consigam desenvolver uma ação coletiva através do associativismo.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, G. G. F.; SILVEIRA, R. C. E.; ENGEL, V. Coleta e reciclagem de resíduos sólidos urbanos: contribuição ao debate da sustentabilidade ambiental. **Strategies [FSRJ]**, v. 12, n. 2, p. 289-310.

ALVES, J. C. M.; VELOSO, L. H. M.; ANDRADE, E. P. D.; SILVA, A. M. D. Economia Solidária e a dimensão cognitiva da experiência dos catadores. **Interações (Campo Grande)**, v. 21, p. 125-140, 2020.

ALVES, V. O.; VIEIRA, N. D. S.; SILVA, T. C. D.; FERREIRA, P. R. O Associativismo na agricultura familiar dos Estados da Bahia e Minas Gerais: potencialidades e desafios frente ao Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). **Administração Pública e Gestão Social**, v. 3, n. 1, p. 66-88, 2011.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70 Brasil, 2016.

BARNAUD, C.; CORBERA, E.; MURADIAN, R.; SALLIOU, N.; SIRAMI C.; VIALETTE, A.; REYES-GARCÍA, V. Ecosystem services, social interdependencies, and collective action. **Ecology and Society**, v. 23, n. 1, 2018.

CARDOZO, B. D. A.; ARAÚJO, G. C.; MARIANI, M. A. P. Comprometimento organizacional em uma cooperativa de reciclagem. **Interações (Campo Grande)**, v. 18, p. 107-120, 2017.

DA SILVA, C. S.; DO NASCIMENTO, L. F. 25 anos da coleta seletiva de Porto Alegre: história e perspectivas. **Revista Gestão e Desenvolvimento**, v. 14, n. 2, p. 33-50, 2017.

DUQUE, G.; DE MELLO, A. C. P.; DE ARAÚJO, M. G. B. Ação coletiva e desenvolvimento sustentável. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 25, 2012.

FERREIRA, L. B.; TORRECILHA, N.; MACHADO, S. H. S. A técnica de observação em estudos de administração. *In*: ENCONTRO DA ANPAD, 36., 2012, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANPAD, 2012.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. *In*: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

GERHARDT, T. E.; RAMOS, I. C. A.; RIQUINHO, D. L.; DOS SANTOS, D. L. Estrutura do projeto de pesquisa. *In*: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

HÜLSE, L.; BAADE, J. H.; OGOSHI, R. C. S.; DOS SANTOS, A. M.; MARTINS, A. A. M. Evaluations of free access applications of mobile phones for hearing impaired people". **International Journal of Development Research**, v. 9, n. 07, p. 28813-28817, 2019.

IBAM – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente de Resíduos Sólidos. **Gestão Integrada de Resíduos Sólidos**. Secretária Especial de desenvolvimento urbano da Presidência da República (SEDU)–IBAM. Rio de Janeiro, 2001.

JUNGES, V. C. **Conhecer, aprender, transformar**: projeto de desenvolvimento social como espaço de práticas coletivas. Dissertação. 141 p. Programa de Pós-Graduação em Administração (Mestrado em Administração). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria – Rio Grande do Sul, 2018.

JUNGES, V. C.; CAMPOS, S. A. P.; BECKER, R. G.; GALLON, S. Projetos de desenvolvimento social como espaço para a resiliência em empresas de base comunitária voltadas à reciclagem. **Revista Alcance**, v. 27, n. 3, p. 312-325, 2020.

JUNGES, V. C.; TELOCKEN, S. G.; CAMPOS, S. A. P. Ação Coletiva como Forma de Ampliar a Educação para a Sustentabilidade: Uma Discussão à luz da Agenda 2030. **Revista de Administração IMED**, v. 10, n. 1, p. 106-126, 2020.

KREMER, A. M.; CAVALHEIRO, R. T.; VILPOUX, O. F. Relevant factors for collective action in the common-pool resources context. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 13, n. 4, p. 52-66, 2019.

LEONELLO, J. C.; COSAC, C. M. D. O associativismo como alternativa de desenvolvimento local e sustentabilidade social. *In: VI Seminário do Trabalho Economia e Educação no século XXI*, Marília, Brasil, 6, 2009.

LOURENÇÃO, M. T. A.; GIRALDI, J. M. E.; CASTRO, L. T. Aplicabilidade dos desafios e soluções da literatura de associativismo para marcas setoriais: um estudo da marca Brasil Fashion System. *In: ANPAD – 3Es*, Curitiba, Brasil, 2017.

LÜCHMANN, L. H. H. Abordagens teóricas sobre o associativismo e seus efeitos democráticos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 29, p. 159-178, 2014.

LÜCHMANN, L. H. H.; SCHAEFER, M. I.; NICOLETTI, A. S. Associativism and repertoires of political-institutional action. **Opinião Pública**, v. 23, n. 2, p. 361-396, 2017.

MABUZA, M.; ORTMANN, G.; WALE, E. Collective action in small-scale mushroom production in Swaziland: does organisational form matter?. **Development in Practice**, v. 25, n. 7, p. 1025-1042, 2015.

MORAIS, F. C.; MOURA, A. A. Voluntariado, associativismo e turismo: um debate a partir das organizações no terreno. **Revista Gestão e Desenvolvimento**, v. 17, n. 3, p. 133-164, 2020.

OLIVEN, R. G. Prefácio. *In: LEITÃO, D. K.; DE OLIVEIRA LIMA, D. N.; MACHADO, R. P. (Eds.). Antropologia & consumo: diálogos entre Brasil e Argentina*. Porto Alegre: Editora AGE Ltda, 2006.

OLSON, M. **The Logic of Collective Action: Public Goods and the Theory of Groups**. Cambridge: Harvard University Press, 1965.

ONU - Organizações das Nações Unidas Meio Ambiente. **ONU Meio Ambiente e parceiros lançam movimento por separação e descarte correto de lixo**. 2017.

OSTROM, E. Collective action and the evolution of social norms. **Journal of economic perspectives**, v. 14, n. 3, p. 137-158, 2000.

OSTROM, E. Collective action and local development processes. **Sociologica**, v. 1, n. 3, 2007.

PINHEIRO, D. C.; DE PAULA, A. P. P. Autogestão e práticas organizacionais transformadoras: contribuições a partir de um caso empírico. **Desenvolvimento em Questão**, v. 14, n. 33, p. 233-266, 2016.

SAUSEN, J. O.; PATIAS, I. A.; ALLEBRANDT, S. I. Desenvolvimento local e estratégia de pequenos empreendimentos agroindustriais - a lógica da cooperação e do associativismo: o Pacto Fonte Nova. **Cadernos Ebape. BR**, v. 9, p. 868-894, 2011.

SCHMITZ, H.; FARIAS, E. S. Cooperação e persistência: um estudo da ação coletiva de agricultores familiares no Oeste do Pará, Amazônia. **Redes (St. Cruz do Sul Online)**, v. 26, 2021.

SCHMITZ, H.; MOTA, D. M.; SOUSA, G. M. Reciprocidade e ação coletiva entre agricultores familiares no Pará. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. **Ciências Humanas**, v. 12, p. 201-220, 2017.

SILVA, S. P. **A organização coletiva de catadores de material reciclável no Brasil: dilemas e potencialidades sob a ótica da economia solidária.** Texto para discussão n. 2268. Rio de Janeiro: Ipea, 2017.

STAKE, R. E. **Investigación con estudio de casos.** 2. ed. Madri: Morata, 1998.

STAKE, R. E. Case Studies. In: DENZIN, N. K. L., Y. S (Eds.). **Handbook of Qualitative Research.** Londres: Sage Publications, 2000.

STORCH, S. O Associativismo e o Exercício do Controle Social pelas Associações como Caminho para o Aperfeiçoamento da Democracia. In: **ANPAD - EnAPG**, Rio de Janeiro, Brasil, 2004.

TIERLING, I. M. B. M.; SCHMIDT, C. M. Custos versus Benefícios resultantes da Ação Coletiva na Agricultura Familiar: Um Olhar Além das Informações Financeiras. **Sociedade, Contabilidade e Gestão**, v. 15, n. 3, p. 84-108.

VERONESE, M. V. Associativismo entre catadores de material reciclável urbano. **Contemporânea-Revista de Sociologia da UFSCar**, v. 6, n. 1, p. 213-213, 2016.

VIRGOLIN, I. W. C.; SILVA, E. M. T; ARAÚJO, R. Relato da experiência do Projeto Profissão Catador: A organização social e econômica de catadores de materiais recicláveis no município de Cruz Alta/RS. In: SILVA, E. M. T.; VIRGOLIN, I. W. C.; CAMARGO, M. A. S. (Eds.). **Profissão Catador: Alternativas coletivas na geração de trabalho e renda.** Curitiba: CRV, 2015.

WENNINGKAMP, K. R.; SCHMIDT, C. M. Teorias da ação coletiva no campo do agronegócio: uma análise a partir de teses e dissertações (1998-2012). **Desenvolvimento em questão**, v. 14, n. 35, p. 307-343, 2016.

WENNINGKAMP, K. R.; SCHMIDT, C. M.; CIELO, I. D.; SANCHES, F. C. A associação brasileira de pesquisa em secretariado (ABPSEC) à luz da teoria da ação coletiva. **Revista Capital Científico-Eletrônica (RCCe)**, v. 15, n. 2, p. 79-98, 2017.